

OLORI, O DONO DA CABEÇA. UMA TIPOLOGIA AFRO-DESCENDENTE.

José Jorge de Morais Zacharias¹

Resumo: A questão das diferenças individuais tem levantado a curiosidade humana desde tempos antigos. Para se justificar estas diferenças e compreender pessoas que apresentam comportamentos diferentes ou semelhantes a outras pessoas, sistemas mágico-religiosos foram construídos em diferentes culturas e épocas. A astrologia, a medicina galênica, a quiromancia são exemplos desta inquietação. No mundo científico, pesquisadores do comportamento criaram tipologias para explicar o fenômeno. Carl Gustav Jung, psiquiatra suíço desenvolveu uma tipologia classificando as pessoas em 16 tipos, com base em categorias como intro e extroversão, percepção do mundo através dos cinco sentidos ou da inspiração e tomada de decisão de maneira pessoal ou impessoal. Embora para muitos a cultura afro-descendente mostre-se primitiva, nela encontramos um sistema de explicação das diferenças individuais elaborado a partir de sua complexa mitologia e ritualística. Nesta tradição entende-se que cada pessoa tem, desde o nascimento, um orixá de cabeça, chamado *Olori* (o senhor da cabeça). Assim, serão atribuídos características de personalidade, miticamente determinadas, ao filho do orixá. Por exemplo, um filho de Ogum tenderá a ser combativo e impulsivo, ao passo que um filho de Oxalá será pacato e teimoso. Esta configuração tipológica contribui para a interação social nas comunidades afro-descendentes, valorizando as diferenças individuais em contraposição à tendência de uniformização social.

Palavras-chave: Tipologia; C. G. Jung; Orixá; Candomblé; Religiões Afro-Brasileiras

Abstract: The question about individual differences has awaked the human curiosity for a long time past. Justifying these differences and comprehending the people that present different or similar behavior in comparison the others, religious-magical system was building in distinct cultures and periods. The astrology, the medicine of Galeno and chiromancy are examples about this unquietness. In a scientific world, the behavior searchers' established human typologies to explain the phenomenon. Carl Gustav Jung, swiss psychiatric, developed a typology which classify people in 16 types, based on categories as introversion and extroversion;

¹ Doutor em Psicologia Social (USP), Professor do Centro Universitário Paulistano - UNIPAULISTANA

world's perception through five senses or inspiration and decision-making personal or impersonal. However many people look the african-descendants culture as primitive, in it we found a system to explain the individual differences elaborated in its complex and ritualistic mythology. In this tradition, each person is conceived having a orisha's head, since their born, it's called Olori (the head sir). Therefore, the characteristics of personality are distributed, in according of Myths, to Orisha's son. For example, an Ogum son's tends to be combative and impulsive, while an Oxalá son's will be calm and obstinate. This typology configuration contributes to the social interaction on African-descendants communities, valuating the individual differences contrary to tendencies about social uniformization.

Keys-words: Typology; C.G. Jung; Orisha; Candomblé; African-Brazilian Religions.

1. TIPOLOGIA, AS DIFERENÇAS INDIVIDUAIS.

Desde a antigüidade a questão das diferenças individuais tem preocupado e intrigados os seres humanos. Uma pergunta se formulou: Por que as pessoas são diferentes no seu modo de agir? Esta é uma questão que se torna mais complicada, quando se coloca outra: Por que algumas pessoas são semelhantes em seus comportamentos? Parece que nestes primeiros tempos a humanidade já havia se deparado com a questão de diferenças e semelhanças de temperamento¹.

A tendência da consciência de categorizar e classificar as coisas que nos cercam, levaram a antigüidade a criar sistemas de classificação dos diferentes tipos humanos para, desta forma, conseguir compreender e prever os diversos padrões de comportamento.

Surgiram a partir disto os diversos sistemas mágico-religiosos, como por exemplo, as diversas astrologias, que identificavam traços de personalidade e padrões de comportamento para as pessoas, segundo o período de nascimento².

Na astrologia tradicional, que tem sua origem nos antigos caldeus, temos os doze signos do zodíaco como agrupamento lógico de imagens simbólicas, que conferirão características de personalidade e mesmo corporais às pessoas nascidas sob sua influência. Assim os caldeus dividiram o zodíaco em 12 signos ou casas com 30 graus cada um com a duração de aproximadamente um mês para cada signo. Quem nascesse em um período do ano correspondente a um signo teria em seu temperamento as características míticas daquele signo. Por exemplo, arianos seriam impulsivos e cancerianos maternos³.

Outro sistema é o zodíaco chinês, que se baseia em uma seqüência de 12 animais que vieram se despedir de um grande Buda (Iluminado) a convite deste.

Em recompensa concedeu um ano inteiro para a regência de cada um dos 12 animais. Quem nasce em um ano regido pelo javali terá como temperamento as características deste animal.

O período grego clássico nos apresentou outro sistema de categorização dos estilos de personalidade. Baseados no conceito de que tudo é formado com a atuação de quatro elementos: terra, água, ar e fogo, Galeno pode desenvolver um sistema de temperamentos humanos que classificava as pessoas em melancólico, fleumático, colérico e sanguíneo. Cada uma destes temperamentos indicava maneiras de ser e agir diferentes⁴.

Os séculos seguintes ao XV apresentaram sistemas curiosos como a fisionomia, pelo qual se identificava a personalidade de alguém em função da semelhança de seu rosto com algum animal, atribuindo-se o temperamento deste animal. Outro sistema foi a quiromancia que identificava a personalidade com base no formato da mão.

Nas descobertas do século XIX foi intensa a busca de sistemas factíveis de demonstração científica das classificações de personalidade. Sistemas como o de Cesare Lombroso, que desenvolveu a antropologia criminal e classificava o temperamento em função do formato da caixa craniana, até os sistemas de Kretschmer, Sheldon e Viola, que procuravam determinar as diferenças individuais com base na conformação física⁵.

Em 1920 o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung desenvolveu um sistema de tipologia humana que satisfaz adequadamente a questão da classificação e as exigências da ciência moderna. Este sistema é hoje um dos mais utilizados em todo o mundo e tem auxiliado muitas pessoas em diversas situações da vida em que se exija auto conhecimento e desenvolvimento das potencialidades pessoais.

O sistema de Jung apresenta três divisões básicas: o foco de atenção individual ou atitude, a maneira como a pessoa recebe informações do mundo e a maneira como processa estas informações.

A obra *Tipos psicológicos* foi publicada em 1921, após dez anos de observação e pesquisa. Primeiramente Jung definiu duas atitudes, a introversão e a extroversão. Logo após definiu as funções psíquicas - sensação, intuição, pensamento e sentimento, além dos conceitos de função principal, auxiliar e inferior. Vamos explicar melhor cada uma delas a seguir.

Por atitudes, estamos definindo que rumo toma a energia psíquica, ou seja, onde uma determinada pessoa foca sua atenção preferencialmente. A atenção pode estar voltada para fora, para o mundo concreto de pessoas, coisas e fatos; ou voltada para si mesmo, o mundo interno de representações e impressões pessoais⁶.

As pessoas que têm uma atitude extrovertida focam, geralmente, sua atenção no mundo externo de fatos, coisas e pessoas. Estas pessoas orientam-se de

acordo com o ambiente externo e são muito suscetíveis a ele. A experiência imediata tem predominância sobre os aspectos subjetivos. O interesse está voltado para o mundo externo, que é ao mesmo tempo orientador e campo de ação. Tais pessoas têm facilidade em acomodarem-se no mundo e caminhar com ele, quer seja um caminho adequado ou não.

Geralmente os extrovertidos apresentam uma disposição para a impulsividade, uma espécie de “vamos viver a vida agora e depois pensaremos sobre ela”. Preferem falar a escrever, ver e ouvir a ler. Tendem a conhecer uma série de assuntos pela superfície, mas sentem dificuldade em aprofundar seu conhecimento específico, são mais generalistas do que especialistas. Acham fácil ter muitos amigos, mas suas relações não costumam ser muito profundas.

Correm o risco de serem envolvidos demais pelo mundo externo e suas exigências, ficando assim muito distante de suas próprias necessidades pessoais, o que lhes causa muitos transtornos e aborrecimentos.

Uma pessoa é considerada extrovertida por ser esta sua disposição mais habitual, e pelo fato de sua função diferenciada manifestar-se de maneira extrovertida, ficando a função auxiliar em uma disposição introvertida.

Por exemplo, uma pessoa com fortes características de extroversão tem a tendência de assumir mais compromissos do que realmente pode dar conta, e só percebe isto quando já não suporta tantas exigências externas⁷.

As pessoas introvertidas orientam-se por fatores subjetivos. No introvertido o foco de atenção é deslocado para o seu mundo interno de impressões, emoções e pensamentos – os seus próprios processos internos. Embora em nossa cultura haja muito preconceito quanto a uma atitude introvertida, devemos ressaltar que o aspecto subjetivo da realidade é tão real quanto os aspectos objetivos.

O introvertido tende a apresentar certa hesitação frente a uma decisão, uma espécie de “vamos analisar e compreender a vida antes de vivê-la”. Possui maior facilidade em escrever do que em falar, aprende melhor lendo do que ouvindo e vendo. É mais especialista do que generalista, prefere conhecer muito sobre poucos assuntos a conhecer pouco sobre muitos assuntos, aprecia poucas, mas profundas amizades e seu círculo de amigos tende a ser pequeno.

Não se deve confundir a introversão com timidez, esta última caracteriza-se por uma ansiedade constante de não ser aceito pelo grupo a que se dirige. Extrovertidos e introvertidos podem ser tímidos.

Podemos tomar como exemplo de diferenças entre o foco de atenção no mundo externo e interno a obra de arte. Se pedirmos para dois pintores reproduzirem em suas telas um determinado modelo humano, e supondo que um deles reproduza um retrato fiel, e o outro uma interpretação impressionista do modelo; podemos dizer que o primeiro reproduziu o que objetivamente percebeu do mun-

do externo, ao passo que o segundo reproduziu a experiência interna motivada pelo modelo.

Um grande problema é quando o introvertido se deixa absorver totalmente pelo seu mundo interior, negando-se a entrar em contato com o mundo exterior.

Se tomarmos como exemplo a convivência entre os tipos poderemos exemplificar um pouco esta questão. É dito popular que os opostos se atraem, e isto é fato, atraem-se por complementaridade (o que um não tem sobra no outro). No entanto, outro tipo de atração também é verdadeiro, a atração por semelhança ou identificação.

Conviver com pessoas parecidas conosco, de certo modo é cômodo e aparecem poucas áreas de conflito, porém a possibilidade de aprendizado é muito pouca (aprendemos mais com pessoas e opiniões diferentes do que com iguais). Conviver com pessoas muito diferentes tipologicamente requer uma boa dose de humildade e paciência. Isto porque, sempre achamos que o nosso modo de ver o mundo e as coisas ou pessoas é o mais correto, os outros estão sempre errados.

Isto ocorre porque eu só posso ver o mundo de acordo com o meu perfil tipológico, é como se cada pessoa possuísse um par de óculos de lentes coloridas, algumas de mesma cor e outras de cor diferente.

Além das atitudes acima citadas, Jung definiu funções psíquicas que determinam os tipos psicológicos, classificados em funções irracionais e racionais⁸.

Por funções irracionais estamos definindo as duas maneiras possíveis de receber informação sobre algo, ou seja, de que maneira uma determinada pessoa prefere receber informações do meio, para poder processá-las e agir no meio. Posteriormente alguns autores sugeriram a denominação de funções de percepção.

Há duas maneiras de receber informações, diretamente dos órgãos dos sentidos, de modo a criar uma idéia concreta sobre a informação; ou, recebendo-as de modo a não se fixar nas características concretas da informação, mas nas possibilidades futuras da mesma. Assim, temos a sensação e a intuição, respectivamente.

A função sensação privilegia os órgãos dos sentidos, é a função que nos diz que algo existe. As pessoas que preferem receber informações através da sensação são pessoas voltadas para o aqui-agora, mostrando-se práticas e realistas. Tendem a aceitar as coisas como lhes parece ser, não utilizando muito a imaginação. Preferem manter as coisas funcionando, ao invés de criar novos caminhos. Preferem ver as partes ao todo, apreendem melhor uma tarefa a ser executada quando os passos práticos para tal são explicitados. Apresentam bom controle psicomotor e preferem relacionar-se com coisas concretas e objetivas.

Por exemplo, são pessoas tipo sensação aquelas que, entrando em um ambiente completamente novo, podem descrever detalhadamente os objetos que compõe

este lugar. Outra maneira de receber informações é através da intuição. Esta maneira de receber informação não se fixa no dado concreto, no aqui-agora, mas vai além, buscando o significado intrínseco das coisas e suas possibilidades futuras⁹.

O intuitivo vê o todo e não as partes. Quando uma tarefa lhe é designada, ele precisa compreender o todo para poder realizá-la a contento. Prefere planejar a executar, e está sempre adiante de seu tempo quanto a projetos e possibilidades. São pessoas mais criativas e inovadoras do que as do tipo sensação são, no entanto, inábeis para lidar com a realidade concreta de maneira prática e com a rotina de uma atividade qualquer.

As funções racionais são definidas como sendo aquelas que determinam dois modos possíveis de tomada de decisão, ou seja, de que maneira uma pessoa prefere avaliar as informações recebidas do meio ambiente e como prefere tomar decisões. Duas são as possibilidades, através de uma análise lógica e racional, baseada em estruturas gerais de pensamento; ou através de uma avaliação valorativa pessoal. Assim temos o pensamento e o sentimento respectivamente. Alguns autores preferem o termo funções de julgamento.

As pessoas que preferem tomar decisões com base no pensamento procuram orientar-se por uma lei geral aplicável às situações, sem permitir a interferência de valores pessoais. Estão atentas à causalidade lógica de seus atos e dos eventos. Incluem em sua avaliação os prós e contra de uma mesma situação e buscam um padrão objetivo da verdade. Apreciam a organização e a lógica, baseando seus julgamentos em padrões universais e coerentes. Como são naturalmente voltados para a razão, muitas vezes são imparciais em seus julgamentos; porém conseguem uma análise isenta de interferências pessoais e com significado geral.

Estas pessoas lidam melhor com tarefas (processos lógicos e formais) do que com pessoas, pois não conseguem lidar com valores pessoais, sejam estes seus mesmos ou de outros.

O sentimento não deve ser confundido com emoção ou afeto, pois a emoção pode surgir em uma pessoa de qualquer um dos tipos psicológicos. A emoção é um afeto de grande intensidade e energia que quando nos assalta altera funções orgânicas como batimento cardíaco e ritmo respiratório. A função sentimento nada tem haver com estas reações físicas, pois está ligada a uma dimensão valorativa das pessoas e coisas, é a busca de valores pessoais e não universais como ocorre com a função pensamento.

As pessoas que preferem tomar decisões com base no sentimento estão se utilizando dos seus próprios valores pessoais (ou de outros), mesmo que estas decisões não tenham lógica e objetividade alguma do ponto de vista da causalidade e das leis gerais. Sempre levarão em conta o que sentem em relação a alguém ou a uma situação.

Como valorizam as impressões pessoais estão naturalmente voltadas às relações interpessoais e preocupam-se com os sentimentos e valores dos outros, assim as idiossincrasias humanas são respeitadas. Tendem a ser receptivas e boas para lidar com as pessoas, além de possuírem uma forte atração pela história e pelas tradições¹⁰.

As duas atitudes e as quatro funções apresentadas se organizam em um quatérnio, no qual duas funções ficam conscientes e associam-se a um das atitudes (introversão ou extroversão) e as outras ficam inconscientes.

A função principal é muito mais ágil e mais facilmente coordenada pela vontade consciente. A função principal pode manifestar-se de maneira introvertida ou extrovertida. Esta é a função mais desenvolvida e a mais utilizada na vida diária. A função auxiliar oferece apoio à construção do comportamento consciente, isto é, funciona como um segundo ponto de vista complementar, recebendo informações do mundo ou elaborando avaliações que orientarão o comportamento. Ambas são conscientes e determinam o tipo psicológico.

A função oposta à função auxiliar e já se encontra abaixo do limiar da consciência e o controle do ego sobre ela é bem menor. A função inferior, a menos diferenciada das quatro funções, mais primitiva, arcaica e inadaptada, corresponde ao lado sombrio da personalidade e se constitui na porta de acesso ao inconsciente.

Dentre as possibilidades de alinhamento das funções e atitudes podemos ter 16 tipos psicológicos definidos por Jung e outros pesquisadores¹¹.

Uma tipologia apresenta duas utilidades imediatas, a primeira é a possibilidade de autocompreensão e sentido de identidade pessoal. A segunda é a facilitação que a compreensão tipológica traz ao convívio de um grupo ou comunidade, pois explícita e acomoda as diferenças individuais. Possibilita a integração das diferenças pessoais na unidade do grupo¹².

2. A CONTRIBUIÇÃO DAS TRADIÇÕES AFRICANAS.

O mundo acadêmico e erudito, centrado nos valores europeus, por muito tempo de nossa história olhou as culturas africanas com o desprezo de quem observa o inferior, inculto e ignorante. No entanto as culturas africanas não ficam atrás da cultura européia quando o assunto é a percepção e compreensão humana, especialmente das diferenças individuais.

Como os chineses, caldeus e gregos antigos, os nagôs, bantos, dentre outros, criaram um sistema de classificação de temperamentos e diferenças individuais que atribui identidade e facilita o convívio comunitário.

O culto dos Orixás atravessou o oceano, vindo no coração dos povos negros escravizados, e fincou fortes raízes em solo brasileiro. Aqui estes deuses

encontraram-se com outros que vieram de Portugal, através da religiosidade popular do colonizador, e não pela teologia oficial da Igreja: bem como enlaçaram-se das práticas indígenas da pajelança. Neste contexto histórico, a religiosidade brasileira desenvolveu formas, cores, ritos e símbolos, dos quais podemos citar a Umbanda como o mais representativo culto de desenvolvimento sincrético¹³.

Neste sentido, podemos afirmar que as divindades do Candomblé e Umbanda povoam a psique simbólica da maioria dos brasileiros, aproximadamente como os deuses helênicos povoavam a dinâmica simbólica da antiga Grécia. O conhecimento do conteúdo simbólico contido nos cultos de Orixá fornece chaves de entendimento para processos psíquicos, sejam estes individuais ou coletivos.

Isto só é possível graças às analogias míticas, que podemos traçar entre os deuses de várias culturas. Por exemplo, deuses que têm por elemento o raio e o trovão: Zeus, Tupã e Xangô.

Em um contexto de população fortemente influenciada pelos cultos afro-brasileiros, é de vital importância que o conteúdo mítico-simbólico destes cultos sejam conhecidos e compreendidos em seu sentido psicológico. Os símbolos e deuses cultuados nos cultos afro-brasileiros são mitologias vivas, pois que a religião está viva, diferentemente dos deuses e mitos helênicos, que na atualidade só podem ser compreendidos através de um exercício de interpretação cognitiva, visto estar o helenismo, como religião do povo, morto¹⁴.

A mitologia dos Orixás está viva e representada na vida religiosa e cotidiana de cada iniciado. Cada pessoa expressa no mundo, na comunidade, na família e em sua própria representação identitária o Orixá vivo e atuante.

3. UMA TIPOLOGIA AFRO DESCENDENTE

Na tradição de Orixá, cada pessoa que retorna do *Orum* (mundo imaterial) para o *Ayê* (mundo material) é constituída de elementos que pertencem a um Orixá. Desta maneira, ao reencarnar, cada pessoa terá a tutela de um Orixá, que regerá sua cabeça por toda a vida.

Olo significa dono e *Ori*, cabeça. *Olori* significa “dono da cabeça”, assimilado, no Brasil ao *Eledá*, dono do eu espiritual¹⁵.

Os Orixás são representações coletivas de características arquetípicas que, semelhante aos deuses gregos, apresentam mitologia e padrões de comportamento ligados aos elementos naturais ou culturais que lhes são próprios. Segundo Jung¹⁶ os arquétipos são estruturas psíquicas ancestrais que representam as experiências humanas coletivas, apresentam forma, mas não conteúdo e são expressos em mitos e símbolos em todos os tempos e lugares.

As divindades afro-descendentes são responsáveis por áreas específicas da experiência humana, como a vida e morte, procriação, doença e medicina,

guerras, paz, sustento, dentre outras. Assim, cada pessoa tem um Orixá, ou melhor, o Orixá é que possui a pessoa, assim como não é a pessoa eu possuí um arquétipo, mas o arquétipo que a possui¹⁷.

Apesar de o Orixá ser um elemento do coletivo ancestral, ao se estabelecer um vínculo específico do Orixá com o iniciado, ocorre uma personalização do Orixá no mundo material. Isto é possível através do *Ori*, cabeça ou psique do filho do Orixá, alma perecível, inteligência e sensibilidade¹⁸, que expressará o potencial coletivo por intermédio de sua vivência pessoal. Assim ocorrerá variação de um para outro iniciado no mesmo Orixá.

Se entendermos *Ori* como a estrutura egóica, o eu individual e pessoal; e Orixá como imagem arquetípica do inconsciente coletivo, podemos traçar um paralelo entre a tradição de Orixá e o sistema psicológico de Jung e principalmente sua teoria tipológica.

Para facilitar a compreensão desta relação, devemos lembrar que, semelhante ao pensamento dos gnósticos, o criador cósmico Olorum encarregou Oxalá/Oduduá de criar o mundo e a humanidade, permanecendo distante da criação. Nesta concepção, os Orixás tornaram-se intermediários entre a humanidade e Olorum, se bem que não exista formalmente uma hierarquia entre os vários Orixás, mas sim, parentescos¹⁹.

Desta maneira, podemos entender *Olori* como uma imagem intermediária entre Olorum, cujo conceito se aproxima do que Jung chamou de Si-Mesmo, o centro da personalidade; e o *Ori*, cuja significação pode ser entendida com *ego*, ou o centro da experiência consciente e da identidade individual²⁰.

Nesta perspectiva, a iniciação de um neófito, chamado de *Yao*, que é o ritual chamado de feitura de cabeça, é um processo que leva a pessoa a experimentar mais diretamente o seu Orixá; trazendo-o do coletivo mítico para a experiência individual.

Podemos comparar com o processo pelo qual o *ego* entra em contato com conteúdos do inconsciente coletivo de forma interativa e não somente sendo influenciado pelos seus conteúdos de forma aleatória²¹.

Alguns cuidados devem ser tomados, a exemplo do que ocorre no processo de análise psicológica. O *ego* deve ser fortalecido para que se entre em contato com o conteúdo inconsciente e arquetípico sem o risco de dissolução da consciência²². Esta preparação, na tradição de Orixá, chama-se *Bori*, ritual conhecido como “dar de comer à cabeça”.

Este ritual tem características profiláticas e terapêuticas, para “fortificar o espírito do crente”. Estabelecida a ligação do *Ori* com o Orixá pessoal, através da iniciação, o Orixá torna-se uma referência mítica constante para a vida e desenvolvimento do iniciado. Em sua vida o *yaô* realiza e fortalece o potencial

arquetípico do Orixá na realidade externa, ao mesmo tempo em que o Orixá fornece características de personalidade e identidade, sentido e significado para a vida do iniciado.

Neste processo a pessoa se tornará mais íntima desta potencialidade interior e realizará o mito pessoal no contexto dos rituais, das comunidades de candomblé e na sociedade mais ampla.

Quando se identifica o Orixá de cabeça de um adepto, geralmente através do jogo de búzios ou *Opelé Ifá*, identifica-se o *Olori*, isto é, a figura mítica identificada intrinsecamente com a pessoa. Este Orixá determina a identidade religiosa, comunitária e pessoal do indivíduo a partir daí. Entende-se que as características do Orixá dono da cabeça da pessoa lhe atribua suas características de temperamento, definindo sua tipologia²³.

Esta identificação não é ao acaso, pois pode parecer que uma pessoa assumia as características do Orixá identificado pela força da sugestão. No entanto, os Orixás tem características de temperamento tão diferentes entre si que pareceria inadequado ao próprio adepto receber a indicação de um Orixá do qual não tem qualquer afinidade pessoal. Por exemplo, atribuir a cabeça de uma pessoa serena e paciente a Ogum, o Orixá da guerra²⁴.

A identificação do *yaô* com seu Orixá é tão forte que nas comunidades de candomblé é costume chamar os iniciados pelo nome do seu Orixá e não seu nome civil.

A convivência mítica dos Orixás no mundo imaterial se reflete na vida da comunidade dos terreiros, onde os vários Orixás, representados e materializados em seus filhos, interagem na diversidade de suas diferenças.

A título de breve definição, descreveremos algumas características de temperamento mais comumente associadas a cada Orixá²⁵:

Exu: sedutor e envolvente com sua conversa matreira, apresenta caráter dúbio e intelectualizado. Brincalhão, astuto e briguento, além de muito erotizado. Pode ser entendido como um tipo extrovertido, intuitivo com pensamento.

Ogum: agressivo e temperamental é expansivo e tende a se impor aos outros, podendo se tornar violento e impulsivo. Inteligente e engenhoso, franco e um tanto rude no relacionamento pessoal. Pode ser entendido como um tipo extrovertido, sensação com pensamento.

Oxosse: impulsivo e sempre em busca de novas atividades e amizades. Não suporta trabalhos rotineiros e é espontâneo e franco, curioso, mas discreto. Pode ser um tipo extrovertido, intuitivo com pensamento.

Logunedé: inconstante e um tanto arrogante. Tem dificuldades para se decidir sendo, no entanto, bem humorados e de fácil trato social. Tende a ser romântico e flexível. Pode ser classificado com extrovertido, intuitivo com sentimento.

Xangô: teimoso com tendência a ser temperamental e explosivo. Vaidoso e enérgico pode magoar os que o rodeiam sem perceber. Esta descrição aproxima-o ao tipo extrovertido, pensamento com sensação.

Iansã: autoritária, voluntariosa, audaciosa e expansiva. Decidida, não se prende ao socialmente aceito, rompendo com estatutos de moral ou conduta. Festeira, alegre e de intelecto brilhante. Pode ser identificada com o tipo extrovertido, intuitivo com pensamento.

Oxum: carinhosa, dissimulada, meiga e vaidosa. Festeira e tende a ser leviana ou fútil quando isto lhe convém. Gosta de ser mimada, mas apresenta muita esperteza no trato social. É um tipo extrovertido, sentimento com sensação.

Oxaguiã: irrequieto, corajoso, lógico e organizado. Brilha pelo intelecto e detesta receber críticas por sua impulsividade ou originalidade. Representa o tipo extrovertido, pensamento com intuição.

Ossaim: contido, impessoal, retraído e obstinado. Procura o isolamento social, contido e impessoal nos julgamentos que faz dos outros. Tranquilo, porém obstinado e eficiente. Corresponde ao tipo introvertido, sensação com pensamento.

Obaluaê: impaciente, retraído, altruísta e vingativo. Tende a apresentar autopiedade e necessita de aceitação e afeto. Tende a não se envolver socialmente. Pode ser o exemplo do tipo introvertido, sensação com sentimento.

Oxumaré: dissimulado, ardiloso, perseverante e generoso. É estrategista, concentrando-se no alvo e desprezando os sentimentos externos. Pode ser compreendido como introvertido, intuitivo com pensamento.

Nana Buruku: vagarosa, calma, controlada e vingativa. Não perde o controle das próprias emoções. Acentua as regras morais e sociais. Um tipo introvertido, sentimento com intuição.

Obá: agressiva, viril, sedutora e ciumenta. É constante e tem habilidade com coisas e objetos (ferramentas). É ciumenta e tende a aprofundar-se no trabalho para esquecer os infortúnios e revezes. Representa o tipo introvertido, sentimento com sensação.

Euá: desconfiada, dominadora, arredia e severa. Defensora das normas sociais e morais não apreciam o convívio social. Austera e pudica geralmente tem poucos amigos, não é vaidosa. Um tipo introvertido, intuição com pensamento.

Iemanjá: séria, impetuosa, reservada e emotiva. Tende a não esquecer as ofensas e dissimular seus pensamentos e sentimentos. Lenta, emotiva, reservada e boa conselheira. Pode ser representado pelo tipo introvertido, sentimento com intuição.

Oxalufã: convencido, constante, observador e rancoroso. Calmo e teimoso inspira respeito e admiração. Lento e com muita força de vontade, sereno e dócil, mas tem poucos relacionamentos sociais. Aproxima-se da definição do tipo introvertido, intuitivo com sentimento.

O sistema religioso afro descendente apresenta uma tipologia baseada na filiação espiritual a um Orixá, equiparando-se em observação das diferenças humanas aos antigos caldeus, chineses e gregos, possibilitando que se construam pontes entre estas tradições e a tipologia científica de Jung, demonstrada pela psicologia analítica e diferencial.

Estas aproximações são possíveis graças a paciente observação e investigação do comportamento humano que apresenta variações e categorias que podem ser constatadas.

Tanto o sistema tipológico de Jung, desenvolvido no século XX, no âmbito da psicologia científica quanto as classificações mítico identitárias originadas na tradição e nos mitos nagôs, aproximam na tentativa de compreender as diferenças individuais e de integração destas diferenças no convívio social e cultural.

Esta constatação contradiz a concepção errônea de que estas tradições ancestrais são limitadas em sua compreensão do mundo, da sociedade e das pessoas. A observação empírica das diferenças individuais e sua vivência dos conteúdos inconscientes míticos e arquetípicos na prática religiosa desenvolveram um sistema de categorização de temperamento individual muito eficiente, o que confere a estas comunidades maior integração das diversidades na unidade.

4. BIBLIOGRAFIA

- CACCIATORE, Olga. *Dicionário de cultos afro-brasileiros*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1995.
- JACOBI, Jolande. *Complexo, arquétipo, símbolo na psicologia de C.G. Jung*. São Paulo: Cultrix, 1986.
- JUNG, Carl Gustav. *A natureza da psique*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- _____. *O eu e o inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 1987a.
- _____. *A prática da psicoterapia*. Petrópolis: Vozes, 1987b.
- LIGIÉRO, Zeca. *Iniciação ao candomblé*. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- PRANDI, Reginaldo. *Os candomblés de São Paulo*. São Paulo: Hucitec e EDUSP, 1991.
- SEGATO, Rita Laura. *Santos e daimones*. Brasília: Universidade de Brasília, 1995.
- SHARP, Daryl. *Tipos de personalidade*. São Paulo: Cultrix, 1990.
- VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás*. São Paulo: Editora Corrupio e Círculo do Livro, 1986.
- ZACHARIAS, José Jorge Morais. *Entendendo os tipos humanos*. São Paulo: Paulus, 1995.
- _____. *Ori axé*. São Paulo: Vetor, 1998.
- _____. *Tipos, a diversidade humana*. São Paulo: Vetor, 2006.

NOTAS

- ² Ver: ZACHARIAS, José Jorge Morais. *Tipos, a diversidade humana*. São Paulo: Vetor, 2006.
- ³ Ver: ZACHARIAS, José Jorge Morais. *Entendendo os tipos humanos*. São Paulo: Paulus, 1995.
- ⁴ Ibidem.
- ⁵ Ver: ZACHARIAS, José Jorge Morais. Op. Cit. 2006.
- ⁶ Ibidem.
- ⁷ Ver: JUNG, Carl Gustav. *A natureza da psique*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- ⁸ Ver: ZACHARIAS, José Jorge Morais. Op. Cit. 2006.
- ⁹ Ver: JUNG, Carl Gustav. Op. Cit. 1991; ZACHARIAS, José Jorge Morais, Op. Cit. 2006.
- ¹⁰ Ver: SHARP, Daryl. *Tipos de personalidade*. São Paulo: Cultrix, 1990; ZACHARIAS, José Jorge Morais. Op. Cit. 2006
- ¹¹ Ver: SHARP, Daryl. Op. Cit. 1990; ZACHARIAS, José Jorge Morais. Op. Cit. 2006.
- ¹² Ver: JUNG, Carl Gustav. Op. Cit., 1991; SHARP, Daryl. Op. Cit., 1990; ZACHARIAS, José Jorge Morais. Op. Cit., 2006
- ¹³ Ver: SHARP, Daryl. Op. Cit., 1990; ZACHARIAS, José Jorge Morais. Op. Cit., 1995; ZACHARIAS, José Jorge Morais. Op. Cit., 2006
- ¹⁴ Ver: FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1995; ZACHARIAS, José Jorge Morais. *Orixá*. São Paulo: Vetor, 1998.
- ¹⁵ Ver: ZACHARIAS, José Jorge Morais. Op. Cit., 1998.
- ¹⁶ Ver: CACCIATORE, Olga. *Dicionário de cultos afro-brasileiros*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977; PRANDI, Reginaldo. *Os candomblés de São Paulo*. São Paulo: Hucitec e EDUSP, 1991.
- ¹⁷ Ver: JUNG, Carl Gustav. Op. Cit. 1991.
- ¹⁸ Ver: PRANDI, Reginaldo. Op. Cit., 1991; VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás*. São Paulo: Editora Corrupio e Círculo do Livro, 1986.
- ¹⁹ Ver: CACCIATORE, Olga. Op. Cit., 1977.
- ²⁰ Ver: VERGER, Pierre Fatumbi. Op. Cit., 1986.
- ²¹ Ver: ZACHARIAS, José Jorge Morais. Op. Cit., 1998.
- ²² Ver: JACOBI, Jolande. *Complexo, arquétipo, símbolo na psicologia de C.G. Jung*. São Paulo: Cultrix, 1986.
- ²³ Ver: JUNG, Carl Gustav. *O eu e o inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 1987 e *A prática da psicoterapia*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- ²⁴ Ver: ZACHARIAS, José Jorge Morais. Op. Cit., 1998.
- ²⁵ Ver: SEGATO, Rita Laura. *Santos e daimones*. Universidade de Brasília: Brasília, 1995.
- ²⁶ Ver: CACCIATORE, Olga. Op. Cit., 1977; LIGIÉRO, Zeca. *Iniciação ao candomblé*. Rio de Janeiro: Record, 1993; PRANDI, Reginaldo. Op. Cit., 1991; SEGATO, Rita Laura. Op. Cit. 1995; ZACHARIAS, José Jorge Morais. Op. Cit., 1998.